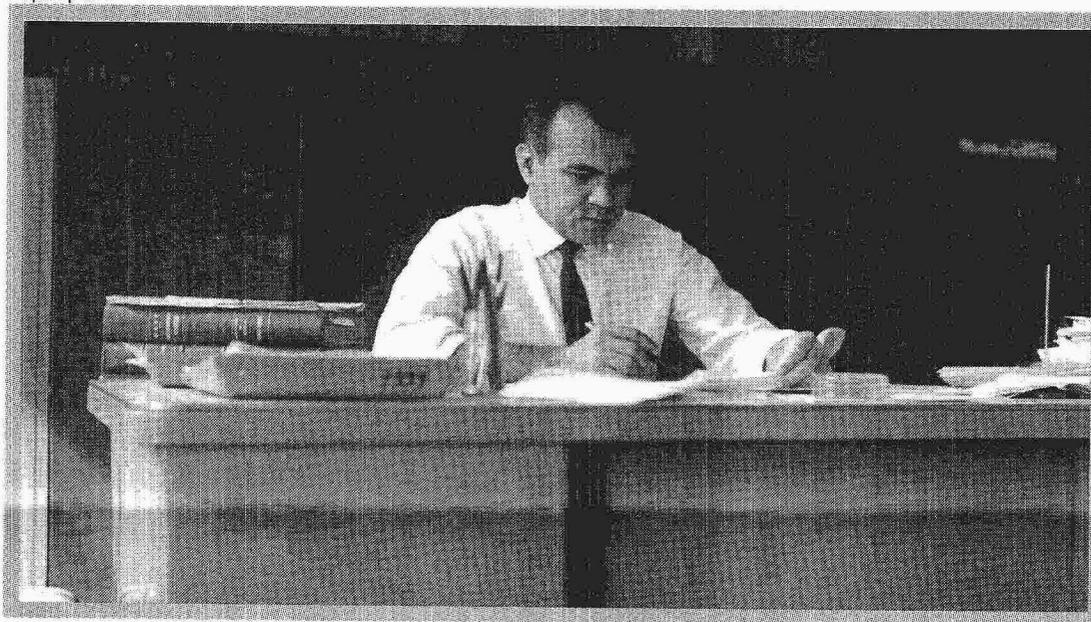




José Maciel Filho

Um pioneiro de mil e uma utilidades na nova capital

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A bordo de um ônibus clandestino, como muitos que partiam lotados de imigrantes para o futuro Distrito Federal, o paraibano José Maciel Filho de repente se deu conta de que se aproximava de Brasília. Iluminada e repleta de obras a todo vapor, o horário apontado pelo relógio parecia irreal: três horas da manhã.

O ônibus desembarcou na Cidade Livre. As opções de hospedagem eram simples e escassas. Maciel hospedou-se na pensão Veneza, dividindo um quarto repleto de beliches com outros oito forasteiros. A primeira noite no Planalto Central foi curta. Em novembro de 1959, o ritmo dos candangos ficava cada vez mais alucinante por conta das obras que tinham que estar prontas para a inauguração da nova capital, em abril de 1960.

Às sete horas da manhã, o barulho das pessoas circulando na cidade acordou o paraibano. "Era impressionante a imensidão de gente que andava nas ruas da cidade", conta. Recém-chegado do Rio de Janeiro, Maciel compara o movimento que encontrou na Cidade Livre com o da Rua do Ouvidor, no centro da capital carioca.

Fazia sol e a poeira incomodava muito. O meio de transporte disponível para o Plano

Piloto eram os caminhões que saíam da cidade carregados de trabalhadores. "Tudo era muito longe naquela época", afirma Maciel. Na avenida W3 Sul, Maciel pediu para saltar na quadra 507, onde ficavam os órgãos oficiais de Brasília e as obras da Escola Parque 108 Sul.

Antes de deixar o Rio de Janeiro, Maciel já tinha emprego certo nas construções do Distrito Federal. Por indicação de uma amiga, que trabalhava como tesoureira do Instituto de Aposentadoria e Pensões do Bancários (IAPB), seria supervisor das ligações elétricas das casas da quadra 713 Sul. A moradia seria o alojamento no acampamento das obras.

Quando questionado sobre o motivo que o fez abandonar a Cidade Maravilhosa, Maciel tem a resposta pronta: "Vim no embalo dos discursos de Juscelino Kubitschek."

Acidentes de trabalho

Terminadas as obras da 713 Sul, Maciel foi transferido para outra construção do IAPC, na quadra 306 Sul. O trabalho durou um ano e foi diferente do serviço realizado nas casas da W3. À medida que os prédios eram levantados, as instalações elétricas eram feitas.

Depois da construção da quadra, Maciel foi novamente transferido para o Banco da Borracha, como era chamada a sede do Banco do Amazonas, que ficava no mesmo lugar onde hoje está a sede do Banco de Brasília, no Setor Bancário Sul. O paraibano ficou contratado até 1962, ano de conclusão do trabalho.

O próximo trabalho em construção seria nas torres do Congresso Nacional, o "vinte e oito", como era chamado pelos candangos, devido ao número de andares dos prédios. Mas Maciel não aceitou e encerrou ali a car-

reira como técnico eletricitista nas obras da nova capital. "Havia muitos acidentes de trabalho, cerca de cinco ou seis pessoas morriam todos os dias", revela. "A mão-de-obra contratada não era treinada e às vezes colocada para realizar serviços perigosos", diz.

Aeroporto

O trabalho nas obras, entretanto, não era o único ofício exercido por Maciel na nova capital. Ex-funcionário do grupo Severiano Ribeiro, antes de vir para Brasília, Maciel trabalhava no estúdio de gravações e dublagem dos filmes exibidos pela empresa, no Rio de Janeiro.

A paixão pelo ramo de cinema e fotografia fez com que se oferecesse para trabalhar no laboratório fotográfico do jornal *DC Brasília*, que ficava na W3 Sul, em cima da primeira loja de discos da capital federal — o Bazar Paulistinha —, na quadra 507. Maciel

ENTRE AS FUNÇÕES QUE EXERCEU NA CIDADE, MACIEL TRABALHOU NA INSTALAÇÃO DO SERVIÇO DE CENSURA DO DPF

passou a ser o encarregado da revelação dos filmes do jornal.

Na 507 Sul se concentrava o principal movimento da avenida W3. Perto dali, estavam instalados o Cine Cultura, o restaurante do Grupo de Trabalho de Brasília (GTB) e a Empresa Imobiliária de Brasília. Enquanto trabalhava no laboratório, o dono permitiu que Maciel morasse no lugar de trabalho.

Depois de seis meses no diário, Maciel decidiu ceder sua vaga a um italiano que procurara o laboratório. "Ele só sabia fazer revelação de filmes e eu sabia trabalhar com muita coisa", conta. "Como não faltava emprego aqui, resolvi sair e deixá-lo em meu lugar", completa.

Funcionário exemplar, Maciel novamente deixou o serviço já com outro acertado. O sócio-proprietário do laboratório tinha influência na Real Aerovias e indicou o funcionário para uma vaga na empresa. Na conversa com o gerente geral da companhia, o paraibano foi orientado a se apresentar no aeroporto de Brasília. No dia seguinte, Maciel já estava contratado e trabalhando no balcão de emissão de passagens da Real.

O aeroporto era bastante movimentado na época e funcionava 24 horas por dia, já com vôos internacionais. Maciel lembra de algumas companhias que ficavam instaladas ao lado da Real: Varig, Paraense, Rio Grande do Sul e Pan Air do Brasil.

O pioneiro veio para Brasília “no embalo dos discursos de JK” e com emprego garantido como supervisor das instalações elétricas das obras do IAPB

FOI EM BRASÍLIA QUE JOSÉ CONHECEU MARIA DE FÁTIMA E FORMOU A FAMÍLIA, ATÉ HOJE UNIDA NA CAPITAL



Não havia salas de espera e o conforto que existe hoje para o embarque e desembarque de passageiros. O aeroporto ficava onde hoje está a Base Militar de Brasília e consistia em um galpão de madeira, com um portão que se abria para a entrada e saída de passageiros do pátio onde os aviões estacionavam.

A Real oferecia alojamento para seus empregados e Maciel terminou mudando-se novamente para o local de trabalho, na região próxima ao aeroporto. A empresa oferecia, além do salário, todas as refeições dos funcionários e roupa lavada.

Cinema

Ao mesmo tempo em que foi contratado pela Real, Maciel recebeu convite do grupo Severiano Ribeiro para que trabalhasse na assistência técnica do Cine Brasília.

A falta de mão-de-obra especializada em Brasília fazia com que os convites de trabalho não parassem e o paraibano terminou recebendo uma terceira proposta. Egberto Assunção, delegado do Departamento Federal de Segurança Pública, precisava de um técnico para instalar o Departamento de Censura do órgão. Maciel aceitou e passou a se dividir entre os três empregos. “Como era electricista, não precisava ficar na censura o tempo todo, tinha que fazer os serviços necessários”, explica. “Mas para estar disponível sempre para os três lugares, comprei uma lambreta”, conclui.

O trabalho no Cine Brasília era gratificante. Em 1961, os festivais de Brasília do Cinema Brasileiro traziam a nata da dramaturgia nacional para a nova capital. O evento era freqüentado por autoridades, artistas e estrangeiros. Todos os artistas dos filmes exi-

bidos sempre estavam presentes à apresentação das películas. Cada filme oferecia seu próprio coquetel e o traje era de gala.

Na censura, Maciel trabalhava no bloco oito da Esplanada dos Ministérios. A montagem dos equipamentos importados foi feita pelo paraibano, que também era responsável por sua manutenção.

Em 1963, quando a Varig comprou a Real, Maciel terminou optando por deixar a empresa por não concordar com o sistema de trabalho da nova direção. Por causa disso, precisou retirar-se do alojamento da empresa, mudando-se para um apartamento alugado na W3 Sul, na altura da quadra 504.

Militares

Até a entrada dos militares no governo federal, o cotidiano de Maciel era tranqüilo nos dois trabalhos. A partir de 1964, as coisas mudaram um pouco. Foi criado o Departamento de Polícia Federal e a censura passou a fazer parte do novo órgão.

Maciel continuou à frente da manutenção técnica da censura até 1968, ano em que foi requisitado pelo Dasp para chefiar o serviço de comunicação do ór-

gão. O trabalho consistia em receber documentos oficiais e destiná-los aos órgãos determinados.

Em 1972, Maciel retornou à Polícia Federal, mas o ambiente de trabalho tinha se transformado. Alguns militares tinham o costume de humilhar os funcionários e o novo esquema não agradava ao paraibano. Várias vezes, a chefia do departamento tentou demitilo, o que terminou acontecendo com o uso do AI-5. Maciel foi casado e afastado do órgão e impedido de concluir os estudos de Direito, que fazia no Ceub.

Na época, o paraibano já era casado, desde 1966, com a goiana Maria de Fátima Maciel. Os dois se conheceram na W3 Sul, quando ela trabalhava na loja de discos Bazar Paulistinha. O casamento foi realizado após 120 dias de namoro.

A primeira moradia do casal ficava em Taguatinga. No Dasp, entretanto, Maciel conseguira ter direito a uma casa no Cruzeiro Velho. A residência quase foi tomada quando Maciel foi afastado da Polícia Federal, em 1972. Por iniciativa do paraibano, entretanto, Maria de Fátima foi contratada pelo Serpro. Como funcionária pública, teria direito à moradia do governo, mas precisava de

autorização do Dasp para continuar na casa do Cruzeiro.

Maciel conseguiu a autorização com um amigo que conheceu nos primeiros anos em Brasília e acabava de assumir a direção do Dasp. “Ele me disse que daria um jeito no meu caso porque a casa não resolvia os problemas do Dasp mas resolvia o da minha família”, recorda.

No mesmo ano, Maciel passou a integrar o primeiro laboratório de fotossérie de Brasília — o Sakai —, que ficava na 510 Sul. Lá, consertava equipamentos de som, máquinas fotográficas, qualquer coisa ligada a cinema. Na nova rotina, Maciel passava a se dividir então entre as atividades no Cine Brasília, onde ficou até 1978, e no Sakai.

Em 1980, o paraibano foi anistiado, sendo novamente admitido pela Polícia Federal. Desta época, recorda de um fato engraçado sobre o presidente João Figueiredo. “Ele tinha uma sala de cinema na Granja do Torto, onde passavam filmes para a elite brasiliense”, revela. “Nestas ocasiões, onde todos se apresentavam bem trajados, Figueiredo permanecia de pijamas e dizia que a seda de sua vestimenta valia mais que qualquer traje naquela sala”, completa.

“**HAVIA MUITOS ACIDENTES DE TRABALHO, CERCA DE CINCO OU SEIS PESSOAS MORRIAM TODOS OS DIAS. A MÃO-DE-OBRA CONTRATADA NÃO ERA TREINADA E ÀS VEZES COLOCADA PARA REALIZAR SERVIÇOS PERIGOSOS**”

Raio X

Nome:

José Maciel Filho

Idade:

72 anos

Origem:

Pilar, Paraíba

Ano de chegada a Brasília:

1959

Profissão:

Funcionário público aposentado

Esposa:

Maria de Fátima Maciel

Filhos:

Waldinélia, Andrea, Ana Paula e Alessandro

Netos:

Caroline, Ítalo, Ingrid e Ana Clara